

A morte dos missionários da Companhia de Jesus nos domínios de Ñezú (Pirapó, Província Jesuítica do Paraguai, 1628).

Paulo Rogério Melo de Oliveira

Resumo:

O texto apresenta algumas reflexões sobre a rebelião comandada pelo pajé e cacique Ñezú, em 1628, na região do Pirapó, atual Rio Grande do Sul, contra os missionários da Companhia de Jesus. A partir das cartas/relatórios dos jesuítas e dos processos instaurados sobre as mortes dos missionários procuramos interpretar as razões que levaram o líder indígena a se rebelar contra as reduções e a tramar a morte dos padres Roque González, Juan del Castillo e Alonso Rodriguez.

Palavras-chave: Ñezú – reduções – “antiguo modo de vida”.

Ñezú era um poderoso líder indígena guarani que concentrava poderes políticos e religiosos, e que vivia num lugar conhecido como Pirapó, no Yjuí, na margem oriental do rio Uruguai. Em 1628 tramou e ordenou morte dos padres jesuítas Roque González, Juan del Castillo e Alonso Rodriguez. A morte dos missionários desencadeou uma série de conflitos e perseguições que culminou na execução dos caciques subordinados a Ñezú envolvidos diretamente nos acontecimentos.

Muito pouco sabemos sobre esse chefe guarani, e a historiografia voltada às lutas indígenas contra a dominação espanhola pouco interesse dedicou a sua figura. Ñezú foi descrito ao mesmo tempo como cacique e feiticeiro. Montoya, por exemplo, se referiu a ele como “o maior dos caciques que aqueles países conheceram”, mas também o descreveu como mestre nos “embustes e magias, e que se fingia ser deus”. Diego de Boroa o apresentou como “un cacique hechicero y falso dios”. Padre Romero, que provavelmente teve um contato mais próximo, embora não existam evidências de que o tenha conhecido, se referiu a ele como “un ministro de Satanás cacique del Iiuí llamado Ñezú grandísimo hechicero”.¹

¹ Ver respectivamente MONTROYA, Antonio Ruiz de. **Conquista Espiritual hecha por los religiosos de la Campaña de Jesus en las Provincias de Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape**. Rosário: Equipo Difusor de Historia Iberoamericana. Estudio preliminar y notas Dr. Ernesto Maeder, 1989. Carta de Diego de Boroa. In: BLANCO, José María. Op. cit. Carta del Padre Romero a Hernandarias. In: BLANCO, José. **História documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Roque**

Essa concentração de poderes nas mãos de um homem não era estranha aos guarani. Havia uma categoria de grandes chefes como Taubici, Guiravera e Artiguaye que podemos considerar como “jefes-chamanes”, como o fez Necker. Eram poderosos pajés que, demonstrando poderes mágicos e religiosos extraordinários, se impuseram a frente do grupo suplantando os chefes hereditários.² Pela extensão do poder que os padres lhes atribuíam e a influência que exercia sobre um grande número de povos, Ñezú pode ser inserido nessa categoria dos grandes chefes. Techo dá a entender que, com invulgar eloquência e “artes mágicas”, havia estendido seu domínio aos povos vizinhos e seus caciques, tornando-se o principal entre os principais. Nos depoimentos dos índios no processo instaurado em Candelária e nas cartas/relatórios dos jesuítas prestando contas aos superiores dos acontecimentos, confirmamos a impressão de Techo. As mortes dos missionários foram comandadas por caciques subordinados a Ñezú. A morte dos padres Roque e Alonso foram chefiadas pelo cacique Caarupé, e a morte de Juan del Castillo pelos caciques Quaraíbi e Araguirá. A teia de relações que ligava Ñezú e os demais caciques sugere uma hierarquia e graus distintos de poder e subordinação entre os chefes.

No que diz respeito às “artes mágicas” e ao prestígio, podemos situar Ñezú naquela categoria especial de “hechiceros” descrita por Lozano. Eram obedecidos e venerados como deuses e gozavam de um prestígio superior aos demais. Diziam poder desencadear a ferocidade de bestas selvagens contra quem os contrariassem e enviar ventos e tempestades sobre os rios impedindo a caça e a pesca.³ Os pajés que conseguiam persuadir os índios de que sua filiação era divina eram os mais reverenciados e obedecidos. Ñezú, pelo que nos dizem os testemunhos, despertava este “temor reverente” entre os povos que viviam a sombra do seu poder. Santiago Guarecupí, cacique “cristão” da redução de Concepción, informou que o “hechicero” Ñezú (...) era “tenido por dios y lo temían mucho los demás indios caciques e hechiceros” da região. Guarecupí foi o cacique que prestou apoio militar na captura dos “matadores” dos missionários. O cacique estava presente quando os índios cativos

González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan Del Castillo de la Compañía de Jesús Mártires del Caaró e Yjuhí. Buenos Aires: Sebastián de Amorrortu, 1929.

² NECKER, Louis. **Índios Guaranies y chamanes franciscanos: las primeras reducciones del Paraguay (1580-1800).** Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropología, v.7, 1990, p. 30.

³ LOZANO, Pedro. Op. cit. 1873. Tomo III, pp. 330-363.

foram interrogados em Candelária um mês após as mortes. Disse ter ouvido dos “principales matadores del Padre Roque González” tudo o que declarou no interrogatório. Ñezú, de acordo com Guarecupí, reuniu os índios em Iyuí e expôs seu plano para “matar a todos los Padres. Y mando que todos se apercibiesen para poner en ejecución lo que él mandaba” (...). E garantiu aos índios que não temessem, “que él, como dios que era, les favoreceria, y pondría tinieblas muy oscuras a los que quisiesen defender a los Padres, y les enviaria tigres que los comiesen”. Em seguida Ñezú advertiu a todos com terríveis ameaças cataclísmicas:

Y que si ellos no harían aquello que les mandaba, loa haría comer a tigres, y enviaría un dilúvio de águas que los anegase, y cruaria cerros sobre sus pueblos y se subiría al cielo, y volveria la tierra lo de abajo arriba. Con que todos los índios creyeron y temieron, como le temían siempre.⁴

Somente os grandes “hechiceros” manipulavam poderes sobrenaturais dessas proporções, recorrendo às narrativas da tradição mítico-religiosa como os tigres devoradores e as trevas que engolem o dia.

Roque González foi o primeiro missionário a estabelecer contato com Ñezú. Era o primeiro missionário a adentrar neste território, referido nas correspondências jesuíticas como Uruguai. Apesar da fama de Ñezú, e a presença de índios fugitivos de San Javier, que preocupava os padres, os primeiros contatos dos missionários com Ñezú foram promissores. Mas até onde ia o entusiasmo do chefe? Ñezú se mostrou amistoso no começo. Aprovou com gosto a entrada dos padres e o estabelecimento de uma redução sobre o Yjuí. Foi a convite de Roque González à redução de San Nicolau, onde foi muito bem recebido. Na volta ao Pirapó, dando mostras de que admitia ali uma redução, ordenou que erguessem uma igreja para abrigar os missionários e incentivou os caciques locais que os recebessem em suas terras. Em 14 de agosto de 1628 Roque González e Juan del Castillo chegaram ao Yjuí para fundar a redução, batizada de Assunção do Yjuí. Roque deixou a redução aos cuidados do padre Juan e partiu para Caaró. Três meses depois os emissários de Ñezú atacaram as duas reduções e mataram os padres. O que teria provocado esta mudança abrupta de atitude?

⁴ Depoimento do cacique Santiago Guarecupí no processo de Corrientes. In: BLANCO. José Maria. Op. cit. p. 437.

Sem pretender transformar Ñezú num defensor da cultura guarani, ou da identidade cultural guarani, e descartando a hipótese do messianismo⁵, as razões que, segundo os próprios indígenas, teriam levado a morte de Roque dizem respeito à preservação de alguns aspectos centrais da cultura guarani: a poligamia, os cantos, o culto aos antepassados e todo um conjunto de práticas e valores condenados pelos missionários. Dizer que a rebelião de Ñezú foi em defesa do “ser antigo”⁶ não é idealizá-lo nem torná-lo um mártir da cultura guarani, mas situá-lo historicamente no interior de um conflito de poder provocado pelas profundas transformações em curso no “modo de ser” guarani. Os companheiros do padre Roque que relataram o “martírio” aos seus superiores apontaram as motivações que desencadearam a rebelião de Ñezú. Nos quatro relatórios são apresentadas as mesmas razões: o feiticeiro odiava os padres e queriam eliminá-los. Essa visão, no entanto, se lermos as fontes com mais atenção, não é genuinamente dos padres, mas dos próprios indígenas. Um mês depois das mortes, 53 índios, entre eles alguns dos “matadores” de Roque, foram interrogados pelo capitão luso Manuel Cabral, na presença de dez espanhóis e cinco padres.⁷ As confissões e declarações não foram registradas, mas os padres Boroa, Romero, Vázquez Trujillo e Ferrufino fizeram referência a elas. Posteriormente, quando foi instaurado o processo ordinário em prol da canonização dos “mártires”, seis índios reduzidos que presenciaram os acontecimentos foram chamados a depor na redução de Candelária, e um cacique para depor em Corrientes. Nesses depoimentos, devidamente registrados, os índios foram interrogados sobre a “causa porque los indios mataron al dicho Padre” (Juan del Castillo). O índio Ambrosio Guarepú, da redução de Candelária, “respondió que”:

no se halló presente donde trataron de matarle, mas que al tiempo de prender al dicho Padre oyó decir al dicho hechicero Quaraibí, alentando la gente: matemos noramala este hechicero de burla o fantasma: echémosle de nosotros: tengamos solamente el ser de nuestro Padre y de nuestros hijos a Ñezú: tengamos el ser de

⁵ Na minha tese de doutorado tive a oportunidade de tratar do tema mais demoradamente. Apresentei um argumento em contraposição à idéia de que a rebelião de Ñezú poderia ser explicada a partir do conceito de messianismo. Ver OLIVEIRA, Paulo Rogério Melo de. **O encontro entre os guarani e os jesuítas na Província Jesuítica do Paraguai e o glorioso martírio de Roque González nas terras de Ñezú**. Porto Alegre: Tese de Doutorado, PPGH-UFRGS, 2010.

⁶ De acordo com o padre Ferrufino é assim que os guarani chamavam o seu antigo modo de vida. Ver Relación del Padre Ferrufino al Rey. In: BLANCO, José María. Op. cit. p. 525.

⁷ Carta del Padre Vázquez Trujillo. In: BLANCO, José María. Op. cit. p. 495.

nuestros abuelos: óiganse no más em nuestra tierra el sonido de nuestros calabazos y tacuaras (...).⁸

Pablo Arayu, também de candelária, disse que Ñezú enviou os índios Guarerá e Mbarú a Caaró para mandar o cacique Carupé matar Roque González e Alonso Rodrigues, “para que nos estemos en nuestro ser y cantos antiguos” (...). Ao retornar de Caaró trazendo notícia da morte dos padres, Guarerá teria dito à Ñezú:

Maten los indios a este hechicero, apártenlo de ti: porque si el está entre nosotros, no tendrás más tu mujeres: y aunque no quieres, há de bautizar tus hijos: y que respondió el dicho Ñezú: Así es: y mando al dicho Quaraibe que fuesen a matar presto al dicho Padre, para que con eso sacase sus hijos y mancebas del monte donde los tenía escondidos de Padre dicho y los trajese a sua casa (...).⁹

No depoimento do cacique Guirayú, Quaraibi também aparece como figura central na morte de Juan del Castillo. A frente de um grupo de índios, o sogro de Ñezú dizia: “matad esta fantasma. Oiganse no más em nuestra tierra el sonido de nuestros calabazoz. Estos Padres son causa de que escondamos nuestros calabazoz e tacuaras”. Da redução de Piratini veio o testemunho de Felipe Yeguacabai, que foi levado preso a “casa del dicho Ñezú”. Disse ter visto “muchas mujeres con sus hijos, que habían estado escondidas hasta entonces en el monte, porque el dicho Padre Juan del Castillo no las viese ni bautizase a sus hijos”.¹⁰

Ñezú vivia em Assunção do Ijuí, que estava sob direção espiritual de Juan del Castillo. Os depoimentos dos índios indicam uma tensão crescente entre a autoridade do missionário e a do cacique/feiticeiro. A permanência dos padres nas suas terras, além de colocar progressivamente em cheque a sua autoridade, começava a exigir o abandono do antigo modo de vida e de alguns privilégios da condição de chefe. Juan del Castillo, que já havia batizado uma das filhas do feiticeiro, pressionava para que trouxesse os outros filhos e abandonasse as “mancebas”. Ñezú fingia estar de acordo com o padre, mas escondia as mulheres e filhos nos “montes”. A poligamia era fundamental para a construção e o exercício do poder indígena. Diversos levantes foram motivados pelas exigências dos padres para que caciques e pajés abandonassem suas “mancebas” e

⁸ Depoimento de Ambrosio Guarepú no processo de Candelária. In: BLANCO, José María. Op. cit. pp. 444-446.

⁹ Depoimento de Pablo Arayu no processo de Candelária. Idem. pp. 448-450.

¹⁰ Depoimento de Felipe Yeguacabai no processo de Candelária. Idem. pp. 452-454.

mantivessem uma única esposa. Vejamos alguns exemplos. Próximo da redução de São Francisco, um pajé predicava para um grupo de índios que permanecia, segundo Montoya, no “vicioso modo de vivir antiguo”. Dizia-lhes o “mago:” “Vivamos el modo de nuestros pasados; qué hallan estos Padres de mal en que tengamos mujeres en abundancia? (...) el mejor remedio que hallo á esete mal es, que quitemos la vida á este Padre”.¹¹ O famoso Artiguaye, que vivia com um grande número de “concubinas”, além de sua esposa principal, pregava contra os missionários acusando-os de pretender “destruir las tradiciones” dos “antepasados”, que viviam “con libertad, teniendo á su favor las mujeres que querian”. O chefe rebelou-se contra o que chamou de “pesada carga”, isto é, “atarnos con una mujer”.¹²

Parece que os chefes entendiam que o fim da poligamia representava um golpe decisivo no seu poder e no antigo modo de vida. E tudo indica que Ñezú, da mesma forma, via o abandono da poligamia como o enfraquecimento do seu poder. Ceder às pressões do padre para batizar os filhos e abandonar as mulheres era abrir mão do poder e prestígio que desfrutava até então. Diante da insistência do padre, e das pressões de caciques aliados, para que deixasse suas “mancebas”, como sugere o depoimento de Pablo Arayu, Ñezú passou rapidamente da cooperação à conspiração. Decidiu livrar-se dos missionários, começando por Roque González, reconhecidamente o mais habilidoso e famoso dos “hechiceros” cristãos. As denominações de “hechicero, fantasma, hechicero de burla”, que aparecem nos depoimentos indígenas para designar os missionários, parecem corroborar a hipótese de Métraux, e posteriormente desenvolvidas por Maxime Haubert, Necker e Meliá, que sugeria que os indígenas viam os missionários como poderosos feiticeiros.¹³ É bem possível que os guarani tenham

¹¹ Ver MONTROYA, Ruiz de. Op. cit. Capítulos LIII e LX.

¹² Idem. p. 58.

¹³ Ver MÉTRAUX, Alfred. Op. cit. 1973; HAUBERT, Máxime. Op. cit. 1990, Capítulo V; NECKER, Louis. Op. cit. 1990, pp. 50-51; MELIÁ, Bartomeu. Op. cit. 1988, p. 151. Necker, por exemplo, cita o caso do padre Bolaños, a quem se atribuíam poderes sobrenaturais sobre a natureza, os elementos e os homens. De acordo com um relato, o franciscano teria abaixado as águas do lago Ypacaraí, que ameaçava inundar a região e o pueblo de Arecayá, simplesmente introduzindo nas águas as suas sandálias. Em outra ocasião Bolaños enfrentou um tigre feroz, possuído pelo demônio, que roubou seu breviário. O padre seguiu sozinho o tigre até as montanhas e recuperou o livro. Outro tigre que atacou um acampamento para saciar a fome, foi amarrado e castigado pelo padre por seu atrevimento. Bolaños, segundo essas narrativas, dominava a água, o fogo e os animais selvagens, poderes que, segundo Necker, se assemelhavam aos dos “chamanes”. Op. cit. pp. 51-52. Os relatos sobre o poder de Bolaños sobre os tigres são particularmente interessantes. Diversos pajés, e Ñezú principalmente, diziam ter poder sobre esses animais e o usavam para ameaçar os índios. Esses relatos reforçam a tese

aproximado algumas características dos missionários com as dos seus pajés. O fascínio e a admiração que Roque e seus companheiros pareciam exercer entre os indígenas, e sobre o próprio Ñezú, parecem inegáveis. Percorriam as aldeias, batizavam, curavam algumas doenças, falavam eloqüentemente sobre o deus criador de todas as coisas e desafiavam destemidamente os poderosos pajés.

Nos depoimentos em Candelária, citados anteriormente, Guarepú e Arayu relataram que Ñezú se referia ao padre Roque como “hechicero de burla e fantasma”. E duas ou três passagens nas narrativas jesuíticas sugerem que os índios consideravam os padres como feiticeiros. Techo, ao comentar a conversão de Guiraverá, disse que o feiticeiro acreditava que o padre Montoya era a encarnação de um grande e famoso pajé chamado Cuará:

Daba Guiraverá sus oráculos examinando los cadáveres de los magos; y cuéntase que afirmaba haber pasado el alma de Cuará, que era tenido por Dios, al cuerpo del P. Ruiz, y también la divinidad, en lo que mostraba dar asenso á la doctrina de la metempsícosis, ideada en la antigüedad por Pitágoras. Divulgóse tal fábula en bastantes partes, y todos consideraban al P. Ruiz como un sér superior. Esta invención del infierno fué de gran provecho para el cristianismo, pues muchos indios se convirtieron de modo que el diablo fué envuelto en sus propias redes. Ardía Guiraverá en deseos de ver al P. Ruiz; envióle uno y otro mensaje á tal efecto, y no consiguiéndolo, se puso en camino acompañado de doscientos indios.¹⁴

Outro ponto de aproximação entre os pajés e os missionários era o culto dos ossos dos pajés e o culto às relíquias dos jesuítas. Os ossos dos pajés mortos, segundo Montoya, eram cultuados em lugares de difícil acesso e cuidadosamente adornados, como santuários, para receber os visitantes. O próprio Montoya percebeu a semelhança entre os cultos ao afirmar que o diabo imitava o culto às relíquias fazendo os índios adorarem os ossos secos dos feiticeiros.¹⁵ Padre Oñate narrou na anua de 1615 um episódio que sugere uma identificação entre o missionário e os grandes pajés. Os índios da redução de San Ignacio, em meio a uma guerra contra os “encomenderos”, abandonaram a redução, deixando desamparadas suas próprias terras, e fugiram para os “montes”. Alguns índios recolheram e levaram junto os ossos do padre Baltasar Seña,

de que os missionários eram identificados com os grandes pajés.

¹⁴ TECHO, Nicolas del. Op. cit. Libro Octavo. Capitulo XXXVIII.

¹⁵ Ver MONTROYA, Ruiz de. Op. cit. Capítulo XXVIII.

que morreu na redução. “Tenian tanta estimacion de este buen padre”, escreveu o provincial, “que les parecio llevavan un grande thesoro en llevar sus huesos”.¹⁶

Da colaboração e aceitação dos padres, Ñezú passou a rebelião. Tramou com os caciques subordinados, e igualmente descontentes, um plano para extirpar o cristianismo de suas terras. Seus emissários foram enviados à Caaró com uma missão: matar Roque e Alonso Rodriguez. Quando os emissários partiram para executar o plano, Ñezú recolheu-se ao “monte” com mulheres e filhos para aguardar as notícias. O chefe se refugiava nesse espaço ainda não alcançado pela redução e de lá orquestrava o ataque aos padres. A confirmação das mortes foi recebida como uma vitória triunfal sobre os missionários, e a cena que se seguiu foi de apoteose. Para celebrar a vitória, Ñezú saiu do “monte” vestindo uma “capa hemosísima de plumas” que o cobria dos ombros até as pernas e um tocado de plumas de várias e vistosas cores. Foi avisado por uma de suas “mancebas”, que também vinha revestida “del mismo espíritu de satanáas”, com um adorno de plumas.¹⁷

As mortes dos missionários nas mãos dos índios foram todas terrivelmente violentas e ritualizadas. As narrativas jesuíticas nos informam que depois de mortos, os padres Roque e Alonso foram despidos de suas vestes e esquartejados, arrastados, jogados dentro da igreja e queimados. Dois dias depois, quando Ñezú soube da morte de Roque e Alonso, enviou seu sogro Quaraíbe com missão de matar Juan de Castillos. O padre foi pego de surpresa, amarrado e arrastado por “tres cuartos de légua” a pauladas e pedradas por caminhos pedregosos, tortuosos, atravessados por arroios, por onde “iba dejando pegados los pedazoa de su carne”. Um índio chamado Guirapó ia espetando os olhos do padre com a ponta de uma flecha. O terrível suplício terminou com um golpe fulminante de “itaizá” na cabeça. O corpo do padre, moído a pauladas e pedradas, foi atado em um pau à maneira de uma cruz e incendiado.¹⁸ A destruição completa dos corpos, e o coração arrancado do peito e queimado, deixam a impressão de que não

¹⁶ Carta anua de 1615, escrita pelo padre Oñate. In: **Documentos para la Historia Argentina**. Op. cit. 1929, p. 21.

¹⁷ Ver as cartas dos padres Boroa e Vázquez Trujillo. In: BLANCO, José María. Op. cit. Vázquez Trujillo ficou com a capa de plumas de Ñezú em seu poder para enviar a Roma junto com as machadinhas usadas para matar os missionários.

¹⁸ Ver Depoimento de Ambrosio Guarepú, em Candelária; Carta del Padre Boroa al Padre Julián López; Carta de Padre Vázquez Trujillo a Mucio Vitelleschi. In BLANCO, José María. Op. cit. p. 445, p. 465 e p. 498.

bastava matá-los. A cena se repetiu com outros missionários, e salta aos olhos que em nenhum dos “martírios” ocorridos no Paraguai os jesuítas foram devorados, como ocorria com os inimigos dos guarani depois de capturados. Alguns padres foram seriamente ameaçados de serem devorados, mas isso nunca aconteceu. Vários índios que os acompanhavam, como aquele neófito que Montoya levou ao Guairá, foram comidos pelos índios “infieis”. Claramente os feiticeiros preferiam destruir totalmente os corpos a comê-los.

Carlos Fausto levantou a hipótese de que a danificação e incineração dos corpos era uma forma de evitar uma “vingança xamânica” e negar aos padres a tão propalada imortalidade. Baseado nas descrições de Montoya, Fausto sugere que a imortalidade era um dos pontos em disputa. A beira da morte, os missionários afrontavam aos seus matadores dizendo-lhes que podiam matar o corpo, mas não a alma. Quando os índios voltaram para ver o corpo do padre Roque, segundo confissão dos próprios “matadores”, o coração do padre teria dito: “aunque me matais no muero, que mi alma va al cielo, y yo me apartaré de vosotros y volveré, mas no tardará el castigo”.¹⁹ Diante disso, os “matadores” arrancaram o coração do peito, trespassaram com uma flecha e o queimaram. Montoya acrescentou que depois de arrancar o coração e atravessá-los de flechas, os “obstinados hechiceros” ainda diziam: “veamos se su alma muere ahora”.²⁰ Por fim, as testemunhas indígenas que declararam ter ouvido o coração do padre Roque falar depois de morto, não causam nenhuma surpresa.²¹ Era costume entre eles o culto aos corpos/ossos, dos pajés que, segundo Montoya, falavam com os índios, na forma de “oráculos”. Foram os índios também que correram à Caaró para resgatar os ossos dos padres mortos e levá-los para a redução de Candelária.

Seguiu-se à morte ritual uma verdadeira guerra de imagens.²² As vestes usadas na liturgia foram divididas entre os caciques, atearam fogo na igreja e nos casebres dos

¹⁹ Carta del Padre Vázquez Trujillo. In: BLANCO, José María. Op. cit. p. 495.

²⁰ MONTOYA, Ruiz de. Op. cit. p. 269.

²¹ Os índios que estiveram próximos do corpo do padre Roque foram as únicas testemunhas do “milagre”. Nenhum missionário ouviu o coração falar. Toda a mística criada em torno desse acontecimento, sublinho, foi baseada em testemunhos indígenas que o declaram aos padres encarregados de investigar as mortes.

²² A expressão foi cunhada por Serge Gruzinski para caracterizar a batalha simbólica travada pelos conquistadores e missionários no Novo Mundo contra as imagens e representações dos deuses indígenas. In VAINFAS, Ronaldo (org.). **América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

missionários, quebraram o crucifixo, rasgaram a imagem de Nossa Senhora Conquistadora, esmagaram o cálice e penduram os pedaços no pescoço. A cena iconoclasta promovida pelos “matadores” não foi um gesto impulsivo. Por trás da destruição das imagens havia, segundo os testemunhos, uma ação calculada. O cacique Guarecupí informou aos padres que Ñezú mandou seus emissários matar os padres e queimar “todas las Iglesias que había hecho en el Uruguay, y consumiesen aquellas cruces e imágenes que traían (...) Y luego tomaron todos los ornamentos y lo demás que los Padres tenían: y rompieron las imagines e los libro” (...).²³

Mas o que estaria por trás dessas mortes rituais? Se aceitarmos a hipótese de que as mortes foram expressão da disputa de poder entre missionários e líderes indígenas, a destruição dos corpos e dos objetos sagrados significava a neutralização do poder dos padres. A eliminação dos padres do Uruguai era demonstração inequívoca de que os pajés eram, afinal, mais poderosos que os “hechiceros de burla”. O gesto radical de Ñezú significava ainda a reconquista do espaço e do poder seriamente abalados. Afinal, na redução o pajé e o cacique se submetiam à autoridade do padre. Quebrar as cruces, rasgar a imagem da Virgem e incendiar as igrejas era uma espécie de ritual de purificação do espaço. Apagavam-se as marcas do cristianismo e restaurava-se a velha ordem. Contudo, não se podia negar a eficiência dos discursos, o atrativo simbólico dos adornos e dos objetos litúrgicos. Os padres eram portadores e representantes de um poder sobrenatural que vinha desbancando os poderosos pajés e arrebanhando e reunindo milhares de índios sob o signo da cruz. Confrontar este poder, ao que parece, não bastava. Era preciso, primeiro destruí-lo, mostrar sua vulnerabilidade, depois, incorporá-lo, vesti-lo. Os ornamentos e objetos litúrgicos, como já havia indicado Métraux, eram considerados pelos índios como atributos do poder do qual os missionários estavam investidos.²⁴ Por essa razão, as roupas arrancadas dos padres foram levadas para o chefe da rebelião. “O maldito Ñezú”, protestou Vázquez trujillo, “vistió como sacerdote poniéndose el Alba y casula y atados por los brazos y cabeza muchos plumajes predico a su gente”:

Ya de hoy en adelante viviréis contentos, ya se os criarán vuestras comidas, ya tendréis seguros el ser de vuestros antepasados, sin que haya quien os obligue a tener no más que

²³ Depoimento de Santiago Guarecupí no processo de Corrientes. Op. cit. pp. 437-438.

²⁴ Ver MÉTRAUX, Alfred. Op. cit. 1973, p. 6.

uma mujer, a que bautizáis vuestros hijos, yo si que soy el que los he de bautizar y luego hizo traer algunas de las criaturas que el Santo Padre había bautizado, y las rayó la lengua para quitarlas la sal, como decía la cabeza, pecho, y espalda, para quitarles los óleos, y el santo bautismo que el Padre les había puesto; lavábales las cabezas con águas e cortezas de árboles en lugar de jabón como quien pretendia lavándaos raerles las gracias que el santo bautismo les había dado (...).²⁵

Vestido com as roupas litúrgicas do sacerdote Ñezú proclamava um retorno ao antigo modo de vida e desbatizava as crianças eliminando dos seus corpos os resíduos do batismo cristão. O gesto imitativo e desafiador do “maldito hechicero” escandalizava os padres. Pedro Romero deixou uma imagem memorável, misto de perplexidade e indignação, sobre os batismos ao contrário:

En esta relación está en breve recogido lo que ha pasado, sola una cosa digna de notar añadiré aquí y es que el dicho hechicero y falso dios Ñezú en desprecio del sagrado bautismo y de quién LP había administrado hacía traer delante de si a todos los muchachos cristianos que había bautizado el santo Padre Juan del Castillo y hacía con ellos mil embustes y ceremonias diabólicas; entre las cuales una era raerles la lengua con un poço de barro áspero para despegarles (como él decía) el gusto de la sal bandita y luego los bautizaba en los pies con una água que tenía escondida en um calabazo debajo de las asentaderas y muslos y la hacía escurrir por sus muslos y piernas y decía engañando a la gente que aquella agua la hacía manar de su cuerpo, y con ella bautizaba a los niños y muchachos, porque su bautismo era el verdadero y falso y de burla el que administraban los Padres.²⁶

Apoderando-se da ritualística católica, Ñezú invertia suas práticas, usando-as para outros fins. Essa imagem de um pajé usando as vestes litúrgicas de um padre e coberto de plumas, adorno distintivo dos chefes indígenas, e realizando uma espécie de contrabatismo para desfazer as graças batismais, é bastante eloqüente. Traduz o movimento de duas culturas que se interpenetram no contexto do colonialismo, numa relação desigual de poder e marcada pela dominação política e tecnológica da cultura dominante.

Não por acaso os inimigos dos missionários usaram o batismo para fazer-lhes oposição. O batismo era a porta de entrada dos índios no cristianismo e um dos principais ritos católicos. Se o batismo era a porta de entrada dos indígenas para o

²⁵ Carta de Vázquez Trujillo ao padre Geral Mucio Vitelleschi. In: BLANCO, José María. Op. cit. p. 499.

²⁶ Carta del Padre Romero a Hernandarias. Idem. p. 479.

cristianismo, o desbatismo era uma inversão do rito para desfazer o feitiço do padre. Era devolvido ao índio o seu ser antigo, o que o reintegrava nas tradições religiosas do grupo. Era o feitiço usado contra o feiticeiro. Indiferentes para com a teologia e a irreversibilidade do batismo, Ñezú e os pajés guarani desfaziam o rito e apagavam a marca do cristianismo. O desbatismo significava também a reconquista do poder pelo pajé e a retomada das antigas atribuições. Uma delas era a escolha dos nomes das crianças.

Os meninos desbatizados por Ñezú foram submetidos a um ritual de reimposição do nome. Quem nos conta é o cacique Guarecupí:

(...) y los que se habían bautizado se volvieron e su ser antiguo y gentilidad, porque él o queria y mandaba así: y pata que viesen el modo que había de tener en borrar el bautismo, llamó a unos niños bautizados, y con un água que sacaba de debajo de sí, diciendo que era sudor o licor que él destilaba de su cuerpo les lavo la cabeza, pecho y espaldas, y rayó la lengua, diciendo que así se quitaba el bautismo (...) y a los dichos niños los bautizó y puso nombres gentiles, didiendo: esta sí es nuestra ley perfecta, y no la que estos Padres enseñan (...).²⁷

A julgar pelos casos em que os pajés trocaram os nomes das crianças convertidas, a imposição do nome era um aspecto central das disputas de poder com os padres. Oberá nomeou Papa seu filho Guiraró e atribuiu-lhe a função de substituir os nomes que os cristãos haviam dado aos índios por nomes indígenas.²⁸ Nas reduções do Tape foram os Apicayrés, e seus feiticeiros “baptizadores e enbusters, que començaron a mudar los nombres y a haçerse de su banda” (...).²⁹ O que estava em jogo nestas disputas eram os significados que os nomes carregavam. Se as informações da etnografia valer para os guarani do século XVI e XVII, o batismo cristão poderia significar o seqüestro da alma, da palavra-habitante dos índios. O desbatismo, seguido da renomeação, em contrapartida, seria o restabelecimento da identidade do indivíduo.

²⁷ Depoimento de Santiago Guarecupí em Corrientes. Op. cit. p. 437.

²⁸ BARCO CENTENERA, Martín del. **La Argentina: poema histórico**. Ed. Facsímil. Academia Argentina de Letras. Alonso de Ercilla y la épica virreinal. Original: Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1602.

²⁹ Carta do Padre Francisco Dias Taño, de 1635, para o Superior do Tape, dando-lhe conta do estado das respectivas reduções. In: CORTESÃO, Jaime. **Manuscritos da Coleção de Angelis. III. Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969, p. 108.

Os significados da rebelião.

Com base no que foi exposto até aqui, nos perguntamos: quais os significados da rebelião liderada por Ñezú? De acordo com o que as fontes nos permitem ver, a rebelião apresenta singularidades que não autorizam o seu enquadramento em alguns modelos explicativos. Contrariando algumas interpretações, não existem apelos a terra sem mal, não há promessas de paraísos nem um chamado a migrar. O feiticeiro reclama um retorno aos antigos costumes, ao antigo modo de vida, e ameaça os seus ouvintes com pavorosos cataclismos que viriam como castigo aos que não obedecessem.

Ñezú foi visto como um exemplo de líder messiânico que se ergueu contra o colonialismo. O líder guarani seria mais um, dentre os inúmeros “carái”, que evocaram a terra sem mal, que se tornara a “antítese do colonialismo”, contra a opressão espanhola. Os defensores dessa visão endossam as teses de Métraux e Hélène Clastres sobre o messianismo e a terra sem mal tupi-guarani. A América do Sul, sacudida pelo colonialismo, foi palco, segundo Métraux, para o desenvolvimento do esquema clássico do messianismo tupi-guarani: a crença num profeta ou homem-deus, o desenvolvimento de uma ação que tende a apressar o advento da idade de ouro, a reação social e cultural contra a civilização branca e, freqüentemente, a formação de uma nova religião sincrética.³⁰ Não se verifica, no entanto, na documentação disponível, nenhum discurso de mobilização da comunidade em torno de uma promessa de salvação.³¹ Um dos ingredientes fundamentais do messianismo, aplicado aos movimentos indígenas sul-americanos, é a busca da terra sem mal. Contrariando o modelo, os pajés guarani, especialmente. Ñezú, nunca mencionaram ou prometeram nada que mesmo remotamente lembrasse o suposto paraíso nativo. Outro aspecto indispensável, apresentado por Egon Schaden, é a existência de uma comunidade que responda ao chamado do Messias, o “portador do ideal coletivo”, e deposite em suas mãos a esperança de restauração da antiga ordem desintegrada pelo “branco invasor”.³² Novamente os movimentos indígenas do Paraguai mostram-se escorregadios. De um

³⁰ MÉTRAUX, Alfred. **Religion y magia indígenas de America del Sur**. Madrid: Aguilar, 1973. p. 5.

³¹ Embora encontremos nas rebeliões indígenas, particularmente na liderada por Ñezú, o que Métraux chama de “nova religião sincrética”, isto é, a mistura de elementos culturais cristãos com elementos indígenas, não verificamos nessas rebeliões aquilo que seria o fundamental num movimento messiânico: um discurso redentor e um apelo para migrar em busca da terra sem mal.

³² SCHADEN, Egon. **A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1989, pp. 39-59.

modo geral, os levantes promovidos pelos pajés ou pelos caciques contrários a evangelização não mobilizam a comunidade com promessas redentoras. Na maioria dos casos os pajés estavam acuados e marginalizados, e usavam de ameaças para ter o apoio dos índios contra os padres.

A trama mobilizou índios e caciques, partidários do principal do Yjuí, que viam nos padres uma ameaça ao seu modo de vida. Mais do que isso é pretender ver além do que as fontes permitem. A rebelião de Ñezú, da forma como nos é dada a ler, diz respeito a um conflito mais localizado, entre caciques/pajés e missionários, em torno do controle espiritual dos índios do Yjuí. Não se trata, para os índios e seus pajés, de um conflito entre duas religiões, ou dois sistemas de crenças opostos. Tampouco as rebeliões promovidas pelos pajés, em especial a de Ñezú, buscavam restaurar, no dizer de Carlos Fausto, uma “identidade perdida”. O que parecia estar em jogo era a manutenção de um status, de um lugar de poder, e a incorporação dos fantásticos poderes que os missionários demonstravam possuir.

A resistência de Ñezú contra as ameaças que a evangelização trazia ao antigo modo de vida moveu-se num misto de rejeição e atração. Rejeição as mudanças que os padres traziam, como o casamento monogâmico e o abandono dos costumes tradicionais; atração pelos símbolos, pelos ornamentos e os rituais católicos, expressões do poder dos padres. Os gestos e as ações de Ñezú em relação aos missionários, desde os primeiros contatos, foram marcados pela ambigüidade. Roque e Alonso despertavam nele ao mesmo tempo o fascínio e o temor. Ñezú nunca os enfrentou de frente, nem contrariou abertamente suas exigências. Preferia esconder as mulheres e filhos nos montes a ter que desafiar padre Alonso. Mas o gesto mais significativo foi a ordem dada aos seus emissários para dar fim aos padres. Ñezú não quis confrontá-los, preferindo ficar no “monte” a espera das notícias. E só depois de se certificar que Roque e Alonso estavam mortos, autorizou a morte do padre Juan. Todo este cuidado expressa, de acordo com a hipótese aqui levantada, o temor e o respeito que Ñezú tinha pelos missionários. Algo próximo da impressão que Montoya causava em Guiraverá.

Essa incorporação ou aceitação de elementos católicos, fundidos com elementos indígenas, não deve ser confundida com “mestiçagem conciliadora”. Tomar posse dos signos do adversário significava apoderar-se da sua mágica para mobilizar uma oposição mais eficaz. A fusão potencializava a revolta. Acrescentava elementos novos

que, combinados com o que já era familiar, criava um arranjo desconcertante, que operava em dois registros culturais. Ao mesmo tempo em que se opunham aos padres, os feiticeiros sentiam-se atraídos pelos seus ornamentos. Montoya teve que tirar as roupas/ornamento e entregá-las aos índios, “porque aquellos bárbaros me lo quitaron, del cual hicieron presente á un gran mago que tenían, á quien todos eeconocian vassallage”.³³

Ñezú vestido com as roupas litúrgicas dos missionários mortos faz lembrar os xamãs que se travestem em sonhos com a pele do jaguar. Vestir a roupa dos padres era revestir-se do poder que ela continha. Os usos invertidos dos ritos e das vestes dos padres, na fina proposição de Carlos Fausto, “não eram simples paródias desrespeitosas do cristianismo ou uma artimanha do Diabo”, como pretenderam Montoya e Sepp.

Esses objetos e hábitos eram como as máscaras utilizadas nos rituais indígenas para tornar presente um espírito (...). Não se tratava de representação no sentido dramático, mas de transformação, de apropriação de capacidades, algo que os missionários reforçavam, pois eles mesmos acreditavam no poder místico do hábito para além de sua função institucional.³⁴

A rebelião de Ñezú e seus aliados foi bem sucedida quanto ao propósito inicial, que era matar os padres que atuavam nos domínios mais imediatos do Ijuí. O plano de matar Pedro Romero e em seguida eliminar todos os jesuítas do Uruguai não se realizou. A reação do poder colonial às mortes dos padres foi imediata. O gesto radical de Ñezú autorizou a entrada dos espanhóis no Uruguai e deflagrou uma sequência de eventos: perseguições aos “parricidas”, prisões e investigações e, por fim, punições e enforcamentos exemplares.

Depois de combates encarniçados e várias mortes, os “matadores” dos padres foram presos e levados para Candelária. Depois de interrogados, os líderes da revolta foram enforcados e flechados a mando do capitão Manuel Cabral. Segundo Pedro Romero, todos:

los ahorcados murieron muy bien habiéndolos bautizado primero con priendas de salvación (...) fuera de un cacique llamado Caburé que murió pertinaz”. Ñezú e “Potiraba, famoso bellaco compañero de

³³ MONTROYA, Ruiz de. Op. cit. p. 128.

³⁴ FAUSTO, Carlos. **Se Deus fosse Jaguar: canibalismo e cristianismo entre os Guarani (séculos XVI-XX)**. Rio de Janeiro: Mana, Vol. 11, Oct, 2005.

Ñezú y causante de la muerte de los santos, (...) se escaparon y se fueron el Uruguay arriba a las tierras de sus parientes y amigos.³⁵

As perseguições aos fugitivos seguiram, mas Ñezú nunca foi encontrado. Não foi preso, nem enforcado, nem convertido, desapareceu sem deixar rastros.

Bibliografia.

BARCO CENTENERA, Martín del. **La Argentina: poema histórico**. Ed. Facsímil. Academia Argentina de Letras. Alonso de Ercilla y la épica virreinal. Original: Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1602.

BLANCO, José María. . **História documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan Del Castillo de la Compañía de Jesús Mártires del Caaró e Yjuhí**. Buenos Aires: Sebastián de Amorrortu, 1929

CORTESÃO, Jaime. **Manuscrtos da Coleção de Angelis. III. Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969, p. 108.

FAUSTO, Carlos. **Se Deus fosse Jaguar: canibalismo e cristianismo entre os Guarani (séculos XVI-XX)**. Rio de Janeiro: Mana, Vol. 11, Oct, 2005.

MÉTRAUX, Alfred. **Religion y magia indigenas de America del Sur**. Madrid: Aguilar, 1973.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Conquista Espiritual hecha por los religiosos de la Campaña de Jesus en las Províncias de Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape**. Rosário: Equipo Difusor de Historia Iberoamericana. Estudio preliminar y notas Dr. Ernesto Maeder, 1989.

NECKER, Louis. **Índios Guaranies y chamanes franciscanos: las primeras reducciones del Paraguay (1580-1800)**. Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropologia, v.7, 1990

VAINFAS, Ronaldo (org.). **América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

SCHADEN, Egon. **A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1989.

³⁵ Idem. p. 478.